



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA – LICENCIATURA EM TEATRO

TEATRO-EDUCAÇÃO COM ÊNFASE NO JOGO TEATRAL

Jorge Ramos Nunes

BRASÍLIA
2012

JORGE RAMOS NUNES

TEATRO-EDUCAÇÃO COM ÊNFASE NO JOGO TEATRAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa Pró-licenciatura de Teatro da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Licenciado (a) em Teatro, sob orientação da Prof.(a) Ms. Amanda Aguiar Ayres, Ms. Silvia Beatriz Paes Garcia e do Dr. Jorge das Graças Veloso.

BRASÍLIA
2012

JORGE RAMOS NUNES

TEATRO-EDUCAÇÃO COM ÊNFASE NO JOGO TEATRAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – UnB no Instituto de Artes-IdA no Programa Pró-licenciatura em Teatro como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Teatro sob orientação da Prof.(a) Ms. Amanda Aguiar Ayres, Ms. Silvia Beatriz Paes Garcia e do Dr. Jorge das Graças Veloso.

Brasília, _____ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Orientador(a) Ms. Paula Braga Zacarias e
Dr. Jorge das Graças Veloso.

Prof (a) e Titulação

Prof(a) e Titulação

DEDICATÓRIA

Aos mestres, colegas e amigos.

Aos meus queridos pais,

A minha linda esposa Dulcinéia L. F. Ramos e

as minhas filhas Sara e Ester,

com muito amor e carinho,

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu a vida, a saúde e a persistência para chegar até aqui, sempre vencendo cada uma das barreiras, postas à minha frente.

Aos mestres, amigos e colegas que direta e indiretamente contribuíram para que eu pudesse concluir com sucesso este curso.

Agradeço especialmente as Professoras e Orientadoras Amanda Aguiar Ayres e Silvia Beatriz Paes Garcia pela paciência e apoio, que não mediram esforços para ajudar-me, tornando desta maneira, fonte de inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos, que me levaram a execução e conclusão desta monografia.

“Quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está alienando-a da sua capacidade de construir conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e não posso comer ou dormir por alguém... Só assim a busca do conhecimento não é preparação para nada e sim vida, aqui e agora” (FREIRE, M., 1983, p.15).

RESUMO

Sabe-se que o teatro é tão antigo quanto à humanidade e desde tempos remotos é utilizado com finalidades educativas. E, atualmente é uma atividade obrigatória na educação básica brasileira, e conforme observado o mesmo não tem recebido o devido valor e importância. Nestas circunstâncias, esta pesquisa terá como foco o Teatro Educação com ênfase no jogo teatral, que fará breve abordagem do teatro desde a antiguidade aos dias atuais, finalizando nas leis brasileiras, bem como na formação de profissionais da pedagogia teatral. No seu primeiro capítulo apresenta-se sua definição e o início de seu percurso na educação. Em seguida, mostra o teatro como ação educativa, onde o jogo na sala de aula é um elemento importante para apropriação do conhecimento. Buscou-se conhecer o enfoque dado ao jogo na pedagogia teatral, como também na formação e valorização do professor de teatro. Finaliza-se assinalando que os jogos teatrais no ambiente escolar configuram-se como um excelente exercício para o aprendizado. E, para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que a partir de então observou-se que o teatro na escola é um elemento de grande relevância e que precisa ser usado com responsabilidade e com objetivos bem definidos e de fácil compreensão, pois o teatro deve ir além de meras apresentações em datas cívicas.

Palavras-chave: Educação, Teatro, Jogos teatrais, Aprendizagem.

ABSTRACT

It is known that the theater is as old as mankind since ancient times and is used with educational purposes. And today is a mandatory activity in Brazilian basic education, and as noted it has not received its due value and importance. In these circumstances, this research will focus on the Theatre Education with an emphasis on the theatrical play, which will soon approach the theater from antiquity to the present day, ending in Brazilian laws, and the training of professionals in theater pedagogy. In his first chapter presents the definition and the beginning of her career in education. It then shows the theater as an educative action, where the game in the classroom is an important element in knowledge acquisition. We tried to know the focus given to the game in theater pedagogy, but also in the formation and development of the drama teacher. It ends up pointing out that theater games in the school environment is characterized as an excellent exercise for learning. And to that end, we conducted a literature search, which from then on it was observed that the school theater is an element of great importance and must be used responsibly and with clear goals and easy to understand, because the theater must go beyond mere dates civic presentations.

Keywords: education, theater, theater games, Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. MEMORIAL	13
2. O TEATRO E SUAS ORIGENS NA EDUCAÇÃO	15
2.1. Definição e contexto histórico educacional	15
2.2. O teatro: o princípio de sua trajetória educacional	16
3. O TEATRO NA EDUCAÇÃO	23
3.1 O teatro como ação educativa	23
3.2 Os jogos na pedagogia teatral	27
3.3 A formação do professor de Teatro	32
3.4 A valorização do professor de Teatro	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
ANEXOS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

A realização desta pesquisa faz-se importante, devido à constatação de que o trabalho docente, através da observação em uma escola da primeira fase do Ensino Fundamental na Rede Pública Municipal de Águas Lindas de Goiás, tem dispensado pouca ou nenhuma importância ao fazer teatral em sala de aula, e nesta circunstância nota-se que as aulas de Artes / Teatro em muitos casos têm servido apenas de lazer para os alunos e descanso para os docentes, não havendo um planejamento claro e objetivo nas atividades teatrais.

Sabe-se que o teatro é uma atividade milenar e que o mesmo foi utilizado pela humanidade inicialmente como forma de lazer e diversão, como também sendo forma de expressar os pensamentos de determinada pessoa ou grupo. Portanto, neste estudo é dado enfoque exclusivo ao ambiente escolar levando em consideração o contexto da sala de aula. Pois, com o decorrer dos anos o teatro ganhou uma nova visão de mundo, sendo uma delas a educação. Neste sentido, o ensino do teatro por meio dos jogos teatrais pode contribuir muito para o desenvolvimento intelectual do educando, uma vez que trabalha o corpo e a mente.

Assim, afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997, p.56) “o teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos”.

Em Águas Lindas de Goiás há uma Organização não governamental chamada “Ninho dos Artistas” que realiza uma série de atividades artísticas com crianças e adolescentes em situação de risco, dentre as muitas atividades realizadas estão às oficinas de teatro de boneco e que segundo o Mestre Ednaldo (Coordenador do Ninho dos Artistas) “Os bonecos mostram a criança o que a gente carrega no peito e por isso encantam tanto as pessoas de todas as idades”. Ele ressalta ainda que o projeto tem a finalidade de retirar as crianças das ruas, uma vez que a finalidade maior do Ninho dos Artistas é ensinar a arte e a cultura a essas crianças e adolescentes, logo que é um projeto social e cultural.

A partir da vivência em sala de aula, em três escolas públicas do Município de Águas Lindas, foi possível perceber que a prática do teatro na educação, ainda encontra resistência e que vem ao encontro de salas superlotadas e normas impostas pelas instituições de ensino e em alguns casos com professores despreparados, agravando ainda mais o problema.

Diante desta realidade, através deste estudo monográfico, pretende-se aprofundar sobre o jogo teatral e, para que isso seja possível, faz-se necessário definir e conhecer claramente o teatro em seu contexto histórico educacional, como também o jogo teatral, enquanto ação educativa e, ainda, a importância da formação e valorização do professor de teatro, a fim de compreender os benefícios que esta atividade educativa pode possibilitar à sociedade.

Para a realização deste estudo fez-se, além da observação realizada ao longo dos anos de atuação em sala de aula, uso de pesquisa bibliográfica que é um estudo organizado e desenvolvido por meio de material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Após, a coleta das informações necessárias sobre o tema em estudo, fez-se a análise e seleção das informações para a produção deste texto monográfico.

Contudo, não seremos pretenciosos a ponto de querermos exaurir o tema, mas procuraremos apresentar de maneira clara e translúcida os benefícios que o jogo teatral permite ao discente, a inter-relação das diversas áreas do conhecimento, uma vez que poderá ser também utilizado para o aprimoramento dos conhecimentos já adquiridos, através da reflexão e do convívio coletivo com os colegas e professores. E, conforme Cavassin (2008, p.42), “ainda possibilita o desenvolvimento da sensibilidade, percepção e conhecimento das especificidades cognitivas ligadas à prática da improvisação”.

Os conceitos teóricos apresentados neste estudo estão fundamentados, em autores que tem utilizado o teatro na educação como objeto de estudo, tais como: Boal (2011), Koudela (2009), Spolin (2010), Courtney (2006), Neves & Santiago (2009). Boal, no Teatro do Oprimido, permite o acesso dos menos favorecidos a cultura e a possibilidade de transformação da realidade através do diálogo. Spolin (2010, p.12) aponta a importância do teatro na sala de aula, através do jogo teatral como uma “importante forma de aprendizagem, cognitiva, afetiva e psicomotora embasada no modelo piagetiano para o desenvolvimento intelectual”. Nestas circunstâncias o pensamento criativo e o desenvolvimento social, são melhorados através da criatividade dramática, por meio dos jogos teatrais.

Já em seu primeiro capítulo, definimos o teatro e apresentamos o seu contexto histórico educacional onde Pavis (2008, p.372) diz que “a origem grega da palavra teatro, o ‘teatron’, revela uma propriedade esquecida, porém fundamental, desta arte: é o local de onde o público olha uma ação que lhe é apresentada num outro lugar”. Assim, Freire; Riberio e Santana (2008, p.11), afirmam que o teatro é “um lugar, onde alguém faz alguma coisa neste espaço, outro que observa e, para completar o quadro, certa relação de cumplicidade entre os

dois”. Nestas condições estes assuntos são tratados de forma transparente e objetiva no primeiro capítulo, onde também são brevemente apresentadas as origens do percurso educacional do teatro.

No capítulo seguinte, o teatro na educação é apresentado com uma linguagem simples e intensa, o que proporciona maior entendimento. Neste, o teatro como ação educativa que possibilita experiências que contribuem para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente sob vários aspectos. Apresenta também a educação através do jogo, que segundo Neves & Santiago (2009, 51) “o jogo é o melhor caminho de iniciação ao prazer estético, (...) deve ser usado pedagogicamente (...)”. E, como em qualquer outra área do conhecimento, o planejamento é o elemento mais importante para o sucesso da atividade teatral em sala de aula.

Ainda neste capítulo, apontam-se os jogos na pedagogia teatral, pois, segundo Kant apud Duflo (1999, p.57) é “por meio do jogo que a criança aprende a coagir a si mesma, e se investir em uma atividade duradoura (...)”. E, continuamos discorrendo sobre a formação do professor de teatro, pois um docente bem qualificado realizará o seu trabalho pedagógico com consciência e qualidade no ensino. E, para tanto, a valorização do professor de teatro deve ser evidenciada por todos, pois a atividade docente continuamente torna-se menos atraente.

Concluimos apresentando algumas experiências obtidas com as atividades teatrais em sala de aula, abordando de maneira intensa as potencialidades que o jogo teatral traz para o desenvolvimento do aluno e que a formação e valorização do professor contribuem muito para o sucesso das atividades teatrais na sala de aula.

CAPÍTULO I - MEMORIAL

Sou o primeiro filho de uma família de quatro irmãos, meus pais lavradores, ambos analfabetos. Nasci em 1975, na fazenda Baixão, zona rural do Município de Ponte Alta do Bom Jesus – TO. Aos sete anos de idade tive o meu primeiro contato com a educação formal ainda na fazenda e aos oito fui para a cidade, onde estudei toda a educação básica em escola pública. O “Segundo Grau” fiz o Técnico em Magistério, exatamente por não haver opção de outro curso. A educação superior ficou como um sonho, pois não havia Universidade próxima, como também não tinha recursos para pagar um Curso de Graduação em outra Cidade, na Capital.

O meu primeiro contato como docente ocorreu em 1993, durante a realização do Estágio Supervisionado e posteriormente tornei-me educador das séries iniciais do ensino fundamental, durante um ano e meio atuei nos municípios de Taguatinga e Ponte Alta do Bom Jesus, ambos no interior do Estado de Tocantins.

Em 1996, mudei para o Distrito Federal em busca de um Curso de Graduação, que somente em meados de 2000 tive a oportunidade de estudar na Universidade Estadual de Goiás o curso de Pedagogia, uma vez que neste momento já fazia parte da Rede Pública Municipal de Educação do Município de Águas Lindas de Goiás.

E, durante toda essa trajetória havia um problema que precisava ser sanado, a timidez, que ao longo do curso de Pedagogia não foi possível eliminá-la. Mas, ao ler a Edição 306 da Revista Época em 2004, na coluna Sociedade havia uma matéria intitulada “A tortura da Timidez”, onde apontava casos de inúmeras pessoas que eram tímidas e algumas delas resolveram o seu problema por meio do Curso de Teatro, e a partir daí passei a pensar na ideia, mas não sabia onde fazer tal curso. Nestas condições resolvi ir a Universidade de Brasília, para me informar melhor. E, neste momento fui recebido pela professora Sheila Campelo, que me informou acerca do curso de Teatro por meio do Pro-Licenciatura que teria edital publicado em breve. Oportunidade que agarrei de unhas e dentes.

Na tentativa de revolver o problema da timidez inicia-se a minha trajetória no Teatro no segundo semestre de 2008, onde ainda convivi com tal dificuldade durante um bom tempo, e isso gerava em mim frustração, mas houve um momento da realização da disciplina Laboratório de Teatro I, onde o professor César Lignelli, nos apresentou uma série de jogos teatrais e neste momento pude perceber que os jogos poderiam ser bons para o

desenvolvimento da atividade docente, pois me fazia bem, uma vez que a timidez, não me incomodava na realização dos jogos. E, através desta disciplina, juntamente com os colegas do curso, tive a oportunidade de desenvolver uma série de jogos teatrais com adolescentes do Centro de Ensino nº 07 do Gama – DF, sendo este o meu primeiro contato, como facilitador de jogos teatrais.

Assim, vi que o desenvolvimento destas atividades educativas em sala de aula seria uma grande oportunidade de aprendizagem para todos envolvidos. Posteriormente na disciplina Laboratório de Teatro II – Movimento e voz, onde as Professoras Sílvia Davini e Sulian Vieira, em suas aulas práticas realizaram várias atividades, e através delas pude ficar à vontade, porquanto percebi que grande parte das pessoas encontrava-se no mesmo nível de aprendizado que eu e isso me fez bem, pois sabia que não havia motivos para temer.

Além destas, outras atividades foram desenvolvidas ao longo do curso, em especial na disciplina de Estágio Supervisionado II, onde tive a oportunidade de realizar uma oficina de jogos teatrais com crianças de uma Escola Pública da Rede Municipal de Ensino de Águas Lindas de Goiás. Durante a realização da oficina, pude perceber que os jogos possibilitavam a realização de atividades interessantes a serem realizadas com as crianças, pois houve uma maravilhosa receptividade. E, de tal modo, era fortalecido o meu interesse pelo jogo teatral em sala de aula, pois este elemento me chamara atenção.

Posteriormente realizei o curso de extensão Laboratório de Consciência e Expressividade Corporal que foi de grande valia para o meu desenvolvimento como arte-educador, uma vez que na realização dos exercícios propostos, não havia a preocupação com o certo ou errado, não me preocupando desta maneira em ser avaliado, assim melhorando bastante o meu desempenho no curso. E, realizei também o curso Processo Criativo e atuação em telepresença que foi bastante importante para minha formação acadêmica, sendo também a atividade teatral mais importante que já realizei até o presente momento.

Diante de minha trajetória no curso de teatro, sempre trabalhei na perspectiva dos jogos teatrais como atividade educativa e isso ocorreu porque ao longo dos quatro anos de curso, tive vários contatos com exercícios que possibilitaram a utilização dos jogos teatrais em sala de aula e por tal motivo o desejo de aprofundamento neste momento final do curso.

CAPÍTULO II – O TEATRO E SUAS ORIGENS NA EDUCAÇÃO

2.1. Definição e contexto histórico educacional

A história do teatro se mistura com os acontecimentos históricos da humanidade. Conforme Neves & Santiago (2009, p.15) “o marco do teatro ocidental a civilização grega, já se pode afirmar o teatro, como rito ou representação, é tão velho quanto à humanidade”.

O teatro também pode ser o lugar onde se apresentam certos acontecimentos como segundo Lira (s/d), o culto, a religiosidade, louvor, prestígio, entretenimento, registro, ou somente para a propagação dos sentimentos artísticos em um mundo fantasioso que lembra a realidade.

Nesta perspectiva surge então a difícil tarefa de definir o termo teatro e jamais deve-se esquecer de sua complexidade, pois o mesmo tem uma infinidade de conceitos, portanto deve-se saber sobre qual tipo de teatro estamos falando. Portanto, antes de tudo é necessário saber que teatro é um lugar, uma construção, um prédio projetado para espetáculos teatrais ou não, shows entre outros. Nesta configuração o termo teatro refere-se a tudo que é necessário para a produção teatral, bem como os seus agentes.

Diante do teatro, como sendo a arte de representar e que segundo Pavis (2008, p.372), “a origem grega da palavra teatro, o ‘teatron’, revela uma propriedade esquecida, porém fundamental, desta arte: é o local de onde o público olha uma ação que lhe é apresentada num outro lugar”. Ainda nesta concepção é notório que o teatro nada mais é do que, ainda segundo Pavis (2008, p.372) “um ponto de vista sobre um acontecimento: um olhar, um ângulo de visão e raios ópticos o constitui”.

Nestas circunstâncias pode-se compreender que as grandes manifestações sociais, como a inauguração de uma obra pública, como uma visita de um político, religioso e ou famoso a uma favela, por exemplo, pode também ser denominada uma ação teatral, uma vez que segue um determinado rito.

Deste modo, o teatro conforme Michaelis (1998, p.2029) o “lugar onde se verifica qualquer acontecimento notável”. De tal modo, conforme Japiassu (2007, p.95), sabemos que o teatro é “lugar onde se vê”. Portanto, o teatro é:

Um lugar, alguém faz alguma coisa neste espaço, outro que observa e, para completar o quadro, certa relação de cumplicidade entre os dois. Aquele que atua

mostra uma personagem em determinada situação, ao passo que o observador tem a consciência de que ali se encontra uma reprodução de acontecimentos trazidos da fantasia ou decorrentes de uma determinada realidade (FREIRE; RIBERIO e SANTANA, 2008, p.11).

Consideramos este “lugar de onde se vê”, onde acontece a observação por outros, onde eles visualizam os eventos cênicos através de expressões corporais, utilizadas pelos atores para que haja interação com os seus interlocutores. E, nesta perspectiva não podemos esquecer que existe diferença entre os termos teatral e cênico. O primeiro, conforme Japiassu (2007, p.96) “refere-se à cena, isto é, corpo, locus privilegiado da atividade humana. Nesse sentido, artes cênicas = artes corporais (circo, dança, teatro, performance)”.

Nesta configuração Greiner e Bião, (2003, p.17) revela que “a origem grega da palavra cena remete ao corpo do artista cênico e ao espaço ao qual ele atua, mas (...) não pode ser reduzida a cenografia nem poderá excluir uma ou outra dessas duas vertentes semânticas (corpo e espaço cênico)”. Enquanto o segundo, conforme Michaelis (1998, p.2029) é o “que procura efeito sobre o espectador” e conforme Japiassu (2007, p.97) “o fazer teatral, portanto, dizem e querem dizer da consciência, da intencionalidade das ações corporais no processo de comunicação cênica por parte do corpo enunciador”.

Igualmente, o ator tem consciência do que está fazendo sobre o palco, não se esquecendo do que ele faz é exatamente o que fazemos em nosso cotidiano, a diferença entre eles e nós é que não somos conscientes de estarmos usando a linguagem teatral. E, nesta circunstância Boal (2011, p.IX) afirma que “a linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial”.

O autor continua assinalando a importância da linguagem teatral e para que a mesma seja realmente importante na ação humana, faz-se necessário a presença do corpo humano que é o elemento mais importante para o fazer teatral, pois não é possível fazer teatro sem a presença do corpo.

2.2. O teatro: o princípio de sua trajetória educacional

Conforme Bertold (2005), o teatro surgiu junto com a humanidade e este processo de tornar-se numa outra pessoa é um exemplar da expressão humana, que é parte complementar do processo de viver. Há uma vasta área de atuação do teatro, que vai desde a pantomima de caça dos povos da idade do gelo e as categorias dramáticas contemporâneas. Logo, conforme Courtney (2006, p.4), “o processo dramático é um dos mais vitais para os seres humanos”.

Uma vez que sem o mesmo seríamos apenas uma massa das representações motoras, com pouca ou nenhuma qualidade humana.

E, conforme Ochôa e Mesti, (s/d, p.01), “o teatro é uma obra de arte social e comunal; nunca isso foi mais verdadeiro do que na Grécia Antiga”. Nas apresentações teatrais da Grécia Antiga o público compartilhava tão-somente das cerimônias religiosas, nas demais apresentações eram simplesmente plateias.

Diante da importância que o teatro teve na Grécia Antiga, é notório que em sua ação na sala de aula, o público não deve ser apenas plateia, o mesmo deve ter uma participação especial e indispensável, a de compartilhar experiência, pois é por meio dele que será possível perceber se houve ou não o alcance dos objetivos propostos através do espetáculo. E, se este público, for constituído de alunos da turma, o mesmo deve-se ter em mente que não estão ali para julgar, mas sim para aprender juntamente com os colegas que estão no palco.

Para Courtney (2006), no contexto educacional cada povo educa os seus semelhantes conforme o seu tempo e cultura. Em oposição a Igreja medieval que aperfeiçoou um aparelho educacional que objetivava a sustentação do sacerdócio, e ao sistema educacional do século XIX, que deu ênfase no processo educacional com a proposta de prover a força clerical para a revolução industrial e neste sentido, aponta Courtney (2006, p.4), que “precisamos proporcionar uma educação que habite ‘a sociedade’ para desenvolverem suas qualidades humanas”. Tornando desta forma um dos grandes desafios e a ampla penúria de nosso tempo. Tanto no contexto educacional e quanto no cultural existe a necessidade de desenvolver, as capacidades criativas do ser humano, e neste ponto de vista Courtney (2006, p.4), afirma que “a imaginação dramática deve ser ajudada e assistida por todos os métodos modernos de educação”.

Ainda segundo o autor, o teatro em toda a sua amplitude foi de grande relevância para a unificação, bem como para a educação da sociedade do mundo ático. E, neste contexto, Courtney (2006), em referência ao sistema educacional de Atenas no século V a.C., aponta que a mesma era fundamentada na literatura, música e esportes. No estudo literário estava incluída a leitura, a escrita, a aritmética e a recitação de poesias, ainda conforme, Courtney (2006, p.4), o principal poeta foi Homero que “foi à suprema autoridade em religião e letras. Passagens inteiras de sua obra foram recitadas com todos os recursos teatrais – inflexão, expressão facial e gestos dramáticos”. Eram parte integrante do estudo musical o ritmo e harmonia, assim como o domínio da lira e da flauta, os esportes também ganhavam amplo estímulo, “das corridas ao jogo de bola, da luta e boxe à equitação e dança”, afirma Courtney (2006, p.5).

A partir do momento que a Arte ganhava espaço na educação, a dança por ser de grande importância para a realização dos ritos religiosos e cerimônias dramáticas, recebia destaque exclusivo e sua forma era bastante dramática e exigia muita destreza. Segundo Courtney (2006, p.5), os “cidadãos ricos treinavam o coro das festas religiosas e as crianças, muitas vezes pobres, eram submetidas a um rigoroso programa de poesia, religião, canto e dança”. À medida que difundia o conhecimento, o teatro tornava-se uma importante ferramenta educacional, até porque, para o povo, era a única maneira de acesso à literatura.

Conforme os estudos de Courtney (2006) vários filósofos gregos também apresentaram os seus pensamentos acerca do desenvolvimento do cidadão. Contudo vale ressaltar que eles não estavam diretamente relacionados ao fazer teatral e sim no desenvolvimento intelectual do cidadão por meio de outras atividades, tais como: o jogo, que para eles era bom à criança crescesse rodeado de jogos que não contrariasse a lei, para que quando adulto fossem bem educadas e cidadãos honestos. E, através de tais jogos seria desenvolvida a criatividade desde que a criança não fosse coagida.

Nesta perspectiva fica evidente a preocupação que se tinha com o desenvolvimento da criança bem como com a formação da sociedade adulta, priorizando o prazer em seu desenvolvimento e como consequência uma aprendizagem duradoura.

O jogo na educação também foi destacado por Aristóteles, que o fez de maneira particular, por ser um cientista. Conforme, Courtney (2006, p.6), “o movimento lúdico deveria ser encorajado para prevenir a indolência, enquanto que o jogo em geral ‘conviria não ser nem liberal, nem muito árduo, nem muito ocioso’”. Por intermédio destas duas finalidades do jogo, ocorre à diferença entre as atividades com fim em si e podem ser deleitadas através de seus objetivos e as outras que são meios para um fim. Logo, a educação tem a função de habilitar o indivíduo para a vida prática e também possibilitar o lazer, nesta situação, o jogo é de máxima importância.

Diante do exposto Boal (2011) aponta que a realização do jogo teatral deve ser recoberto de prazer e realizado espontaneamente, sem que haja dor ou violência, para que possa ser aumentada a criatividade e a capacidade dos jogadores em compreender os exercícios. E nestas circunstâncias Koudela (2009) diz que o elemento mais importante é a espontaneidade que se atinge por meio da assimilação e da cordialidade a partir da realização dos jogos.

Ainda na concepção grega do jogo na educação, Aristóteles afirmava que por meio da imitação é uma alegria intelectual:

É também natural para todos deleitarem-se em trabalhos de imitação (...) embora os fatos em si possam ser penosos de serem vistos, nós nos deliciamos em assistir a suas mais realistas representações na arte... (porque) estar aprendendo alguma coisa é o maior dos prazeres, não apenas para o filósofo, mas também para todos os demais homens, por menor que seja sua capacidade (COURTNEY, 2006, p.7).

Esta foi à maneira que Aristóteles encontrou para apresentar de forma translúcida, o valor que a imitação tem enquanto atividade educacional. E ao ter contato com a imitação a criança representa o seu mundo não da maneira do mundo adulto, mas da maneira que a criança o vê e assim a criatividade torna-se aguda e encontra a solução para os seus problemas.

Cícero (1947 apud Courtney, 2006, p.8) descreveu o teatro, “como uma cópia da vida, um espelho dos costumes, um reflexo da verdade”, e que para Shakespeare, a finalidade do teatro era “levantar, por assim dizer, o espelho para a natureza”. O teatro era reprodução, para os romanos, nestes termos só poderia ter finalidade educacional no momento em que fosse útil e também que doutrinasse lições de morais.

Courtney (2006) aponta ainda que o teatro, segundo Horácio, precisa tanto entreter quanto educar: “todo o louvor obtém aquele poeta que une informação com prazer, ao mesmo tempo iluminando e instruindo o leitor”. Portanto, vê-se aqui a necessidade de apresentar ao discente uma ação educativa pautada no prazer e na vontade de aprender, pois desta forma o educando teria maior aproveitamento das atividades propostas.

Em sua trajetória histórica, conforme Courtney (2006) houve momentos em que o teatro sofreu condenações em virtude de conflitos com os Patriarcas da Igreja, contudo a mesma utilizava-se do teatro para apresentar os seus interesses religiosos.

Segundo Courtney (2006), as mudanças foram ocorrendo gradualmente após a coroação de Carlos Magno, onde as representações dramáticas foram reavaliadas e entendidas como integrantes dos princípios aristotélicos e de tal modo consideradas convenientes para a educação e aos ensinamentos religiosos. São Tomás de Aquino aprovou a ideia desde que houvesse harmonia entre a filosofia aristotélica à fé católica, sendo favorável a representação teatral, desde que a mesma propiciasse o divertimento, e aos jogos e entretenimento, se favorecesse a diminuição da tensão após o trabalho.

Sobre essa base o teatro cristão se desenvolveu que segundo Courtney (2006, p.9), a partir daí “foi criado um teatro litúrgico com um propósito didático centrado nas escolas monásticas”, com a clara finalidade de permitir ao analfabeto a compreensão da fé. Com finalidade educacional ou não, a partir do momento em que foi iniciado o processo dramático

o mesmo rapidamente foi desenvolvido. O teatro da Igreja cristã foi desenvolvido sobre essa turbulência, tornando-se por muito tempo o único prazer intelectual das multidões.

O teatro na escola começou a ter maior visibilidade na renascença, devida à criação de academias onde estudavam e representavam obras clássicas, formando vários professores que possibilitaram o acesso das crianças ao teatro na escola especialmente aos jogos, jogos de regras e, individualmente, nos exercícios físicos. Como consequência, as atividades dramáticas, no final do século XVI, surgiram em quase todas as escolas. E, em função deste acesso ao teatro, havia grande valorização dos espetáculos escolares. A arte de falar, especialmente o latim, era destacada pelo humanismo, e esta prática quase sempre ocorria por meio do diálogo, isto permitiu o estudo do teatro da antiguidade. Ao mesmo tempo, as encenações escolares tornaram-se frequentes, admitindo que formas ainda mais liberais de educação, fossem desenvolvidas pelos pensadores.

No Brasil, conforme Neves & Santiago (2009, p.26) o início da atividade teatral ocorreu com a chegada dos jesuítas, pois “constitui o registro histórico defendido pelos historiadores, como verdadeiro marco da história do teatro no Brasil (...)”, conforme Courtney (2006, p.11), “teve uma base aristotélica e procurava fomentar o latim como língua internacional”. Ainda segundo o autor, mesmo havendo uma gradativa ênfase na didática e no esplendor do espetáculo, no início do século XVII, os professores ou as crianças escreviam grande parte das peças teatrais jesuíticas exibidas nas escolas. Isso ocorria, segundo Neves & Santiago (2009), porque a preocupação teatral não estava na estética do espetáculo, e sim em apresentar para o público a distinção entre o sagrado e o profano.

E, durante este momento histórico para o teatro brasileiro, não havia da parte dos jesuítas o interesse no desenvolvimento pessoal e crítico dos ameríndios, os mesmos estavam focados somente no alcance de seus objetivos que era catequisar aquela população. Segundo os colonizadores os habitantes que encontrara nesta nova terra eram “ignorantes”.

Segundo Courtney (2006) a dramatização e todos os outros meios artísticos eram considerados excelentes meios para o desenvolvimento da aprendizagem nas escolas inglesas. Contudo, da metade do século XVI à metade do século XVII, através da ação dos puritanos o teatro era apenas tolerado nas escolas. Como consequência era admitida, desde que, fossem moralmente bom e realizado em latim.

Vários pensadores também discutiram sobre a importância do teatro na educação. De tal modo Courtney (2006, p.14) afirma que Voltaire amparava o teatro, como também Rousseau defendia o jogo. E, ainda nesta perspectiva Descartes afirmava que o “indivíduo tinha liberdade de pensamento apenas enquanto o pensamento fosse claro e pudesse suportar

um teste prático”. Na poesia de Boileau, apontava “o teatro era considerado válido enquanto agradasse intelectualmente” e Leibnitz “apoiava o teatro enquanto fosse intuitivo”. E, nesta circunstância Goethe (s/d, apud Courtney, 2006, p.16), considerava que “o teatro escolar tem efeito benéfico tanto sobre os espectadores quanto sobre o ator. A improvisação é de grande valor: ela molda os pensamentos mais íntimos e dessa forma os libera, desenvolvendo a imaginação”.

Através destas visões históricas, observa-se a grande inquietação existente para a realização de uma educação que consista no desenvolvimento da criança, onde ela seja instigada a interagir, através de suas práticas dramáticas realizadas de maneira consciente ou inconsciente.

Conforme Magnólia (s/d), o conhecimento estético e cultural é adquirido através de inúmeras propostas do teatro na escola, com vários contextos acerca de sua ajuda para o crescimento humano. São enfatizadas as áreas que permitem o afastamento do indivíduo das atitudes reprováveis e que possibilita a ponderação sobre o seu próprio comportamento.

O dever do teatro é recomendar a virtude e desencorajar o vício: mostra a incerteza da grandeza humana, a repentina reviravolta do destino e os infelizes resultados da violência e da injustiça: é expor as singularidades do orgulho e do capricho, a insensatez e a falsidade torná-las desprezíveis, e submeter tudo o que é doentio a infância e ao descaso (COLLIER, 1698, apud COURTNEY, 2006, p.15).

É possível observar que há tempos já havia a preocupação com a formação do indivíduo por meio do teatro, especialmente em meio as suas ações sociais, ou seja, através do teatro o indivíduo seria ressocializado, a fim de que fosse novamente aceito pela sociedade, como uma pessoa de bem, e nesta configuração é notório a importância que a ação teatral tem para minimizar os efeitos da violência na sociedade.

Nesta perspectiva, repito a frase enfática de Courtney (2006, p.4), “a imaginação dramática deve ser ajudada e assistida por todos os métodos modernos de educação” como consequência, o objetivo último deve ser o processo de aprendizagem,

(...) a principal raiz de toda atividade educacional está nas atitudes instintivas e impulsivas da criança e não na apresentação e aplicação de material exterior, seja através de ideias de outros ou por meio dos sentidos; portanto, as atividades espontâneas da criança, como jogos, mímicas etc., são passíveis de serem usados para fins educacionais, ou ainda, constituem o fundamento de métodos educacionais (DEWEY, apud KOUDELA, 2009, p.19).

Segundo Magnólia (s/d), as representações é uma forma muito utilizada para apresentar à criança os métodos educativos, facilitando o seu entendimento sobre os

conteúdos apresentados, para tanto, faz-se necessário que haja apreensão e entrosamento desta linguagem de produção de significados para criança. Haja vista, que não é bom, que o teatro na escola seja uma atividade exibicionista e que o foco esteja na beleza do espetáculo. O mesmo deve ocorrer respeitando o desenvolvimento natural da criança, bem como, estar objetivado no processo de aprendizagem e no desenvolvimento pessoal dos jogadores e não na satisfação da plateia.

Neste sentido a busca pela satisfação da plateia através do exibicionismo, tem sido um dos maiores problemas para a ação teatral nas escolas por onde tenho trabalhado, pois foi possível observar em inúmeros momentos, os docentes apresentavam as atividades teatrais de maneira rígida, não permitindo desta forma que a criança participasse do processo de construção do espetáculo. Promovendo desta forma no discente o abandono pela compreensão do que estavam a fazendo, não havendo pensamento crítico, como também reflexão, acerca do espetáculo é como se fossem crianças acéfalas. Ficando explícito que estavam ali unicamente para promover a satisfação da plateia.

CAPÍTULO III – O TEATRO NA EDUCAÇÃO

3.1. O teatro como ação educativa

O teatro como ação educativa sempre foi algo bastante evidente na história da humanidade. E, neste estudo especificamente será evidenciado o jogo teatral na sala de aula, contudo, vale afirmar que os jogos teatrais são atividades lúdicas com regras claras. Mas, é necessário apresentar a diferença entre jogo teatral e jogo dramático. Segundo Lignelli e Pacheco (2008) na realização do jogo teatral há uma alternância entre os jogadores, podendo dividi-los em grupos, o de jogadores e o de observadores. Já no jogo dramático todos são atores e ao mesmo tempo fazedores da ação dramática. E, nesta perspectiva o jogo teatral é intencional, claramente direcionado para um determinado público. E, sua ação na educação é contribuir para a ampliação pessoal e cultural dos jogadores, através do domínio da linguagem teatral. O jogo dramático também apresenta a sua intencionalidade, mas sem a definição clara dos papéis de cada jogador e que serão emersos com o decorrer do jogo.

No momento em que realizava o Estágio Supervisionado III, com alunos do 1º Ano do Ensino Médio de um Colégio da Rede Pública Estadual em Águas Lindas de Goiás, por meio de conversa informal com os alunos, pude perceber que muitos, na verdade quase todos, nunca foram a um teatro, seja pela ausência do espaço físico, de conhecimento, de oportunidade e até mesmo pela falta de atrevimento dos docentes, e assim o teatro é algo distante de sua realidade. Pois, em Águas Lindas de Goiás não há Teatro, dificultando ainda mais o acesso do discente aos espetáculos. Contudo, como citado anteriormente, existe na cidade uma ONG que desenvolve atividades desta natureza com adolescentes em situação de risco. Contudo, muitas vezes por falta de incentivo do poder público local, os adolescentes não tem acesso a este maravilhoso projeto, logo que se trata de uma comunidade carente e quase sempre necessita do transporte público gratuito para chegar ao local e em virtude da falta de recursos, muitos deles são obrigados a abandonar as atividades. Lembro que houve um momento de nossa história, em que o município dispunha de ônibus escolar para transportar os adolescentes que participavam dos projetos da ONG, mas este foi retirado e permitindo que muitos adolescentes abandonassem as atividades ali desenvolvidas.

Desta forma o aluno é privado de um teatro que seja capaz de libertá-lo, pois todos os agentes envolvidos no espetáculo devem ter a sua própria liberdade para experimentá-lo inclusive a plateia. Neste ponto de vista, o teatro na escola tem a intenção de transformar os

alunos em seres ativos, que possam embrenhar-se, para eles, em um mundo que parece longínquo.

Segundo Spolin (2010, p.12), o teatro como conhecimento está pautado na resolução de problemas. E segundo ela “o problema a ser solucionado é o objeto do jogo. As regras do jogo incluem a estrutura (Onde, Quem, O que) e o objeto (Foco), mais o acordo de grupo”. E para auxiliar os jogadores a resolverem o problema ela motiva-os através da técnica de “instrução”, a manterem a atenção no foco, ou seja, no problema a ser resolvido.

Conforme o Governo do Estado do Paraná (2006, apud Cavassin, 2008, p.40), “a escola é o primeiro espaço formal onde o aluno tem contato com o conhecimento sistematizado em arte”. Desta forma o teatro na escola é bastante importante, pois os seus princípios pedagógicos visam apresentar a conduta social e moral, por intermédio do aprendizado e do relacionamento com as pessoas, ressaltando que o teatro é uma forma de expressão humana.

A escola, por intervenção do teatro pode modificar-se e transformar-se em um local de afazeres e aprendizado através do gozo e da fascinação. E, segundo Fonseca (2003, p.102) a escola que temos hoje, distinta da tradicional de outrora é “um lugar social plural e contraditório”. E, esta por sua vez, é uma condição indispensável para aprender, e, para tanto, é necessário estar mergulhado no incongruente para que seja possível a relação direta com a diferença.

Conforme Moura (s/d), na fuga do questionamento ou da compreensão do contraditório, a escola depara-se com a crise de identidade, ou seja, não compreende o aluno e não lhes oferece um aprendizado significativo. Diante disso, a escola não se identifica como um ambiente que oferece uma aprendizagem de qualidade e os alunos, não poucos, afirmam que a escola é chata. E, neste ponto de vista a escola recebe inúmeras críticas dos especialistas, que segundo Moura (s/d, p.2), “escola não valoriza as relações cotidianas e as experiências prévias (...)”.

Na crítica apontada por Alves, ele afirma que:

Não é de hoje que a escola é chata. Ela sempre foi assim e isso acontece porque as coisas são impostas às crianças. A prova de que uma criança gosta de ir à escola é se, na hora do recreio, ela está conversando com os amigos sobre as coisas que a professora ensinou. E não se vê isso. Então fica evidente que elas gostam da escola por causa da sociabilidade, dos amiguinhos, por causa do recreio. Mas elas não estão interessadas naquilo que se ensina na escola (ALVES, 2007).

Assim, Fonseca (2003, p. 102) destaca que “não se pode deixar de lado o universo das inter-relações humanas com a diversidade (ou com o Outro)”. Pois, segundo Moura (s/d), é exatamente nos métodos de aprender-ensinar ou ensinar-aprender, próximo ao diferente e/ou conflitante, que se ensina para a cidadania, respeitando-se a multiplicidade existencial dos alunos.

Nestas circunstâncias a escola precisa ser constituída de doses equilibradas de realidade e de imaginação e o teatro torna-se um componente transformador deste ambiente de diversidades. Pois, no fazer teatral, segundo, o PCN de Arte (1997, p.35) “aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado”. Assim, para Moura (s/d, p.03) “educa-se, ensina-se e (re)descobre-se o dinamismo e o encanto da diversidade pelo envolver-se com ela”.

De acordo com o pensamento de Leal (2000, p.93), o teatro elimina as composições clássicas da escola, “não se trabalha sobre um aprender repetido – é sobre a descoberta, é sobre o novo que indagamos, mesmo que repitamos certo jogo”.

Naturalmente as crianças gostam de brincar, por isso, quando estão na escola, para muitos, o horário mais agradável é a hora do recreio, pois podem brincar e soltam a sua imaginação. Desta forma o teatro torna-se um bem necessário em sala de aula, pois a criança irá realizar as atividades de maneira lúdica e divertida sem ter consciência de que estão aprendendo algo. É a imaginação que propicia esta aprendizagem gostosa e prazerosa.

Para Courtney (2006) a principal característica do homem é a imaginação e esta quando criativa é fundamentalmente dramática em sua natureza e diante disso, Londero (2007, p.16) afirma que “a imaginação é mais importante do que o conhecimento: o conhecimento é limitado, ao passo que a imaginação abarca o mundo inteiro”. Esta afirmativa, vale também para os adultos, pois quando imaginamos, aprendemos sem nos dar conta de que estamos de fato aprendendo aquilo que desejamos e tal aprendizagem se dá de maneira natural.

Um dos objetivos da atividade teatral na educação é o desenvolvimento da criatividade dramática, que segundo Spolin (2010), permite a existência de um meio da capacidade adaptativa para a criança, que influencia sua descentralização cognitiva, social e moral. Esta criatividade segundo Cuéllar (1997, p.104), deve ser “nutrida e cuidada onde quer que apareça, justamente porque não pode ser ensinada ou encomendada”. Ao perpetrar o teatro entende-se que a capacidade criadora, incide na ação individual e coletiva de fazer e inovar. Conforme Leal (2000, p.100) o valor do teatro na escola sugere, pois, “numa experimentação

mais livre com as linguagens”. “[...] A linguagem teatral é perpassada pela música, pelo som, pela palavra, pelas artes plásticas, pela dança etc.” (2000, p.97).

Segundo Londero (2007) em nossa sociedade muitos procuram o teatro para perder a timidez e aprimorar a maneira de expressar-se diante de um grupo e também a socialização com os seus semelhantes. E, quando o teatro é utilizado em sala de aula acontece o mesmo, pois,

(...) no ensino fundamental, proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança e do adolescente sob vários aspectos. No plano individual, proporciona o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas; no plano coletivo, por ser uma atividade grupal, oferece o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia, como resultado de poder agir e pensar com maior “liberdade” (CAMARGO, 2003, p.39).

Nesta perspectiva trabalhar o teatro em sala de aula não é somente possibilitar que o aluno veja peças teatrais, mas sim que os mesmos possam representá-las, ressaltando que não é o objetivo do teatro na escola a formação de artistas, mas permitir que o aluno se aproprie das linguagens artísticas, que são importantes elementos de comunicação, leitura e entendimento da realidade humana. Sendo uma das finalidades do teatro na escola que o aluno possa dominar, com fluência e compreender estas complicadas formas humanas de expressão que mobilizam os processos afetivos, cognitivos e psicomotores. A partir desta compreensão estética uma série de vantagens lhes será agregadas:

O aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a imitação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário), oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens; ajuda os alunos a desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento. Enfim, são incontáveis as vantagens em se trabalhar o teatro em sala de aula (ARCOVERDE, 2008, p.02).

Desta forma o teatro na escola é um meio rico, diferente e fácil de ser trabalhado com crianças e adolescentes. A realização teatral na sala de aula permite ao aluno acesso a uma variedade de conhecimentos, onde possa expressar-se sem a presença de sentimentos, emoções, sensações e aflições. O teatro possibilita o aprimoramento da autoestima e da autoimagem, bem como, amplia os horizontes dos educandos. Nestes termos, é por meio do teatro que os sujeitos são capacitados para tornarem-se, segundo Cuéllar (1997, p.102)

“capazes de desenvolver novos modos de vida em comum e definir novas direções. Essas capacidades não podem ser impostas ou ensinadas, precisam ser nutridas”.

Hoje, mais do que nunca, é necessário cultivar a criatividade humana, pois, em um contexto de rápida mutação, os indivíduos, as comunidades e as sociedades só podem adaptar-se ao que é novo e transformar sua realidade por meio da iniciativa e da imaginação criadoras (CUÉLLAR, 1997, p.102).

Diante da constante necessidade de desenvolvimento da criatividade humana a escola tem um importante papel neste processo, pois a mesma deve proporcionar um ambiente que possibilite a aprendizagem criativa, a partir dessa permissão poderá aprender-se tudo o que ele tem para ensinar. E nestas circunstâncias, conforme Leal (2000, p.94), “o aprender teatral vai se sedimentando quando se traz até a consciência algo evocado e vivido com a imaginação”. Neste ponto de vista o PCN de Arte (1997, p.32-33) afirma que “a aprendizagem artística envolve, portanto, um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, que visam à criação de significações, exercitando fundamentalmente a constante possibilidade de transformação do ser humano”.

Perante esta perspectiva, o teatro tem um importante papel a ser cumprido. Haja vista, que nele situa o fazer artístico como se apontasse a necessidade de humanizar o homem, que conhece suas características e necessidades. E, por meio dele retira-se os empecilhos, elimina as marcas de preconceito, que é censurado por meio do diálogo e ações afirmativas e amparadas no respeito, na consideração e valorização do diferente. Sempre tendo consciência que o diferente não é o desigual.

Conforme Moura (s/d, p.5), por meio das demonstrações teatrais é “possível resgatar o desejo de ver-se, sentir-se, querer-se na representação dramática, aguçando o autoconhecimento”. No fazer teatral, as impressões individuais são naturalmente compreendidas e mostradas sem barreiras ou fingimento, isso se dá em virtude da naturalidade com que a diversidade e o diferente inter-relacionam-se.

3.2. Os jogos na pedagogia teatral

Na última década tenho trabalhado em uma Escola da Rede Pública Municipal de Águas Lindas de Goiás, onde pude observar que o ensino do teatro tem ocorrido de maneira ainda aleatória, em muitos casos sem um objetivo específico, fugindo de sua verdadeira

finalidade em sala de aula, tornando desta maneira a presença do ensino do teatro na escola com pouca e ou nenhuma importância para os discentes.

Ainda nesta concepção Japiassu (2003, p.29), afirma que “o teatro na educação, ainda hoje, é pensado exclusivamente como um meio eficaz para alcançar conteúdos disciplinares extrateatrais ou objetivos pedagógicos muito amplos como, por exemplo, o desenvolvimento da ‘criatividade’”. Por meio deste pensamento reduz-se a potencialidade do teatro na educação que tem como objetivo o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos alunos, e isso será possível através do domínio da comunicação e do uso da linguagem teatral por meio da permuta, entre a improvisação e a ludicidade.

Diante da importância que o teatro tem na educação, percebe-se que o ensino por meio dos jogos teatrais e dramáticos possibilita ao discente o estímulo das inteligências, tornando assim, um importante instrumento para a compreensão das relações entre significantes e significados.

O jogo é o melhor caminho de iniciação ao prazer estético, a descoberta da individualidade e à mediação pessoas, entretanto, deve ser usado pedagogicamente com rigoroso e cuidados planejamento, marcado por etapas muito nítidas e que efetivamente acompanhem o progresso dos alunos (ANTUNES, 2003, p.17).

Assim, o teatro na escola torna-se importante, pois através do mesmo almeja alcançar a ascensão do conhecimento de forma plena e consciente sobre os temas apontados nos jogos teatrais e apreciação da arte em sala de aula. Pois, acredita-se que a partir do momento em que o aluno estiver envolvido com o fazer teatral o mesmo terá mais prazer em realizar as atividades e refletir sobre as mesmas. E, nesta perspectiva Neves & Santiago (2009, p.49) aponta que “o jogo seria ainda, (...) uma fonte de descoberta das leis essenciais e o meio prático de permitir a criança ir em direção à exteriorização das verdades profundas que possui intuitivamente”. E, para Spolin (2010), “todas as pessoas são capazes de atuar no palco. (...) As pessoas que desejarem, são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco”. Desta maneira todos podem participar ativamente das atividades propostas, ampliando o seu desenvolvimento intelectual, tornando assim, espectadores ativos e críticos.

A plateia de jogadores não permanece sentada esperando pela sua vez, mas está aberta para a comunicação/ experiência e torna-se responsável pela observação do jogo a partir desse ponto de vista. Aquilo que foi comunicado ou percebido pelos jogadores na plateia é discutido por todos (SPOLIN, 2001, p.32).

Conforme aponta a autora é de grande relevância a participação ativa da plateia no jogo teatral, uma vez que os jogadores é parte integrante a mesma, neste sentido não cabe a ela a função de proteger ou de criticar, mas de apresentar o que foi observado durante o jogo, para que assim todos possam aprender.

Através desta pesquisa percebe-se a importância dos jogos para o desenvolvimento educacional do discente, e nesta circunstância para a realização do Estágio Supervisionado II, desenvolvi com alunos da primeira fase do ensino fundamental em uma Escola Pública Municipal de Águas Lindas, uma oficina com Jogos Teatrais, com o objetivo de desenvolver habilidades que proporcione aos alunos uma maior concentração e criatividade. Assim, foram selecionados alguns jogos para serem aplicados, dentre eles: o futebol imaginário, o hipnotismo, espelho corporal, fila de cegos entre outros, como demonstrado no anexo da presente monografia.

As crianças aceitaram muito bem as atividades propostas, uma vez que eram diferentes e fugiam do cotidiano. Para a realização do futebol imaginário foi necessário, a divisão do grupo em duas equipes e sem utilizar bola elas disputam uma partida como se a tivesse jogando, logo que assim é possível estimular a criatividade, a espontaneidade, bem como a imaginação de movimentos.

A realização desta atividade foi um tanto tumultuada, pois na escola estava acontecendo à limpeza do pátio, onde havia inúmeras máquinas realizando a poda da grama, produzindo muitos ruídos, o que dispersava os alunos. Mesmo diante de todas estas limitações, posso dizer que foi bom, apesar de muitos alunos terem me dito que a atividade poderia ter sido melhor se os colegas tivessem colaborado, fazendo menos barulho e realizado a atividade com mais envolvimento, pois alguns casos em que o colega chutava o outro dizendo que ele era a “bola”. Assim, houve a necessidade da interferência do facilitador, chamando a atenção dos mesmos, para que eles realizassem a atividade de maneira que não provocasse luxações nos colegas.

Contudo, era notória a alegria com que as crianças participavam do jogo e isso evidenciava que os mesmos estavam realizando a atividade com prazer, e assim, a aprendizagem torna-se duradoura.

Este jogo tem por finalidade promover no discente, o relacionamento com os outros companheiros de maneira que seja perceptível as suas intenções. E, para a realização do jogo do hipnotismo é necessário que um participante ponha a mão a poucos centímetros do rosto do outro e este fica como que hipnotizado, devendo manter a cara sempre à mesma distância da mão do hipnotizador.

A realização desta atividade foi bastante legal, pois as crianças eram bastante pequenas e atenciosas, então elas se envolveram bastante no jogo proposto, tanto que alguns disseram-me que gostariam de realizar outros jogos. Como o tempo era de somente uma aula não foi possível, realizar mais que um jogo, logo que os alunos eram pequenos, leva-se muito tempo para que todos compreendessem as regras do jogo e é claro que também realizei uma conversa com eles sobre o tipo de hipnotismo que se vê na televisão e desenhos animados, que por sua vez é um pouco diferente do que estava propondo.

Outro jogo desenvolvido foi o espelho corporal que tinha por objetivo o desenvolvimento da concentração e da criatividade proporcionada aos gestos de um colega e a perfeição de seus próprios movimentos. Para a sua realização é necessária que em dupla, frente a frente, um comanda moderadamente, os movimentos em espaços (livre) e a perpassar os três níveis: alto, médio e baixo, enquanto o outro participante, que recebe o comando, reflete em movimentos (imita seus gestos).

A realização desta atividade não foi muito fácil, logo que a realizei com crianças bastante pequenas e elas não apresentaram uma boa coordenação nos movimentos a serem realizados, apesar de longos momentos de explicação, contudo não foram suficientes para a realização do jogo da maneira que havia idealizado em meu planejamento, apesar disso foi efetivado de maneira, pode-se dizer, satisfatória.

A fila de cegos é um jogo pautado na confiança e para ser realizado é necessário que haja duas filas. Faz-se uma fila de pessoas com os olhos fechados, esta procura sentir, com as mãos, o rosto e as mãos das pessoas da outra fila (que estarão com os olhos abertos) cada qual o do ator que está na sua frente.

Antes de iniciar a atividade conversamos um pouco sobre os portadores de necessidades especiais, principalmente sobre as limitações que encontram para se locomoverem por nossa cidade, onde não há calçadas adequadas os portadores de necessidades visuais. Ao iniciarmos o jogo, muitos alunos não queriam ficar com os olhos fechados exatamente por não confiarem no colega que o guiava. Esta atividade foi realmente muito difícil de ser realizada, embora pareça muito simples. Ainda havia a falta de respeito das crianças para com as outras, a situação em vários momentos ficou bastante desmotivadora, pois eles simplesmente não me respeitavam, diante deste fato tive que ser mais enérgico, o que gerou certo desconforto, pois não sou o professor dos mesmos, contudo, sou um educador.

Ao longo da realização desta oficina busquei utilizar os ensinamentos de Boal (2010), onde o mesmo aponta que durante a realização do jogo nada deve ser imposto, dolorido ou

violento para com os jogadores, neste sentido procurei ser um facilitador que verdadeiramente promovia o discente, contudo, sempre primando por sua ativa participação, pois com o mínimo de exposição inicial o mesmo sentiria posteriormente mais a vontade na realização do jogo.

Outro elemento importante que foi observado ao longo desta experiência é a avaliação, que por sua vez deve ser realizada de maneira que seja despida de julgamento, a fim que possa remover dos jogadores a ansiedade e o sentimento de culpa. Estes por sua vez são eliminados quando todos os jogadores compreenderem que o bom/mau, o certo/errado são as amarras que nos prende. A partir de então todos serão tomados pelo alívio e confiança no ambiente e nos demais jogadores, logo que por meio da confiança mútua permitirá ao aluno a realização de uma boa avaliação. Lembrando que quando estiver na plateia, avalia os seus colegas jogadores e quando estiver na condição de jogadores será avaliado por seus colegas, e o mesmo certamente ouvirá os comentários atenciosamente, logo que está entre amigos. Nesta perspectiva, segundo Spolin (2010, p. 25) o aluno que está como plateia não tem como função fazer comparação, brincadeiras ou ter o sentimento de competição, cabe a ele somente observar e “avaliar o problema de atuação apresentado e não o desempenho de uma cena”.

Através da oficina realizada, não posso concordar com Rosseto (2008, p.77) quando diz “o teatro na escola está mais voltado para a improvisação, os jogos, os ensaios e apresentação, sem estimular a reflexão”. Do mesmo modo, para a realização das aulas de teatro não basta somente à intencionalidade, às mesmas devem ser realizadas com um propósito definido, onde alguém assume um personagem e compartilha algo, outro que acolhe e assiste, despertando assim a vontade reflexiva.

No contexto da oficina realizada pude observar o quanto é importante o planejamento, e diante disso, tornou-se evidente que como em qualquer outra disciplina, é necessário um planejamento sistematizado, para que sejam sanados os anseios dos discentes, bem como alcançados os objetivos propostos para cada uma das atividades, por meio da liberdade de expressão do discente durante as discussões acerca dos jogos realizados, construindo desta maneira o conhecimento, sem imposição do professor.

A partir desta oficina, em diálogo com professores de outras áreas do saber, pude perceber o quanto é importante que o teatro na escola seja independente como disciplina, com seus conteúdos específicos, para ser notado entre as disciplinas responsáveis pela formação do indivíduo. Logo, o teatro é uma disciplina independente, não sendo um trampolim ou apoio para alcançar os objetivos das outras áreas do saber.

Nesta situação, é explícito que através do ensino da Arte gera-se uma experiência significativa e propicia noções básicas da linguagem, atribuindo para si à investigação da natureza do fenômeno artístico-estético, como ele acontece e se produz, sistematizando suas relações.

É necessário promover a reflexão dos adolescentes, para que possam compreender a vida real e para tanto, faz-se imprescindível o uso de práticas formativas, que apontem as controvérsias existentes na sociedade, que podem ser extrapoladas por meio das semelhanças sociais, políticas, econômicas e inter-humanas. Nesta configuração percebe-se que a importância da prática teatral na escola.

O teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente de expressão e comunicação. A representação ativa integra processos individuais, possibilitando a ampliação do conhecimento da realidade (KOUDELA, 2009, p.78).

Para que o adolescente tenha características de um sujeito emancipado é necessário que disponibilize ao mesmo um ambiente onde se possa pensar e refletir sobre suas ações, iniciando assim, a edificação de sua identidade e autonomia. As regras do jogo teatral são fundamentadas no momento que cada indivíduo realiza a avaliação de suas representações ou do grupo, assumindo desta maneira, a responsabilidade para dialogar a respeito do que foi feito, fugindo da tentativa de encontrar respostas corretas, que não existe, uma vez que há inúmeras formas de representação.

3.3. A formação do professor de teatro

Para falar sobre a formação do professor de teatro não podemos negar a participação dos padres jesuítas na formação educacional brasileira, contudo,

Não podemos afirmar que foram os jesuítas os primeiros a efetuarem processos educativos no Brasil, pois antes da chegada dos portugueses havia uma população ameríndia que possuía suas próprias ações educativas e, portanto, um tipo de educação, a qual se diferenciava da educação portuguesa e que, posteriormente, viria a ser suplantada por esta (COSTA e LIMA, 2008, p.1).

Neste contexto, é evidente que antes mesmo da chegada dos portugueses já havia aqui um povo que se preocupava com a formação de seus descendentes e esta ocorria através de

rituais e manifestações míticas, promovendo deste modo suas funções culturais, desta forma jamais podemos negar a importância de tais manifestações, para a cultura brasileira.

Em relação ao teatro no Brasil, conforme Neves & Santiago (2009), o padre José de Anchieta foi o grande representante do teatro jesuítico no Brasil, através de seus textos dramáticos, calcados de censura e dos dogmas da igreja, com ênfase ao temor e o amor a Deus, com a finalidade de catequizar, atenuando os limites entre o sagrado e profano. Segundo Fo (2004, p.187) por causa da censura imposta pelos jesuítas, “inibia-se na prática teatral a presença de qualquer personagem cômico ou que estabelecesse provocação e dialética”. Iniciando-se do pressuposto de que a catequização era atividade do poder, Fo (2004, p.187) afirmava que “o poder, qualquer poder, teme, mais do que tudo, o riso, o sorriso, a traça, a gargalhada. Pois, a risada denota senso crítico, fantasia, inteligência, distanciamento de todo e qualquer fanatismo”.

Em seguida, conforme Neves & Santiago (2009), através das comemorações começou-se a relação entre arte e a religião, com o teatro decodificando a cultura europeia, a dança e a música, a cultura indígena. Em razão desta relação veio a culminar em ações religiosas e educativas. Nesta visão, ainda segundo as autoras, o teatro brasileiro desse período, alternou entre o ouro, o governo, e a Igreja Católica, juntando papéis lúdicos, dogmáticas e educativas, sempre impondo os interesses religiosos e culturais dos colonizadores sobre o interesse dos nativos.

Com a formalização do sistema educacional brasileiro, que se deu com a chegada da família real, houve várias mudanças, uma delas, a criação da Escola Real de Ciências e Ofícios em 1816, transformada em 1820 na Academia de Artes. Neste período, ainda não era possível perceber o teatro como a atividade educativa. Segundo Neves & Santiago (2009), por meio de um decreto imperial de 15 de outubro de 1827, que fixava o currículo e o método lancasteriano (um professor por escola). Ainda, conforme as autoras, foram fixadas no artigo 6º, as disciplinas a serem lecionadas:

Art. 6º: Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática dos quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos: preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil. (LEI GERAL DE 15 DE OUTUBRO DE 1827, apud, Neves & Santiago 2009, p.29).

Diante desta mudança o teatro tornou-se indispensável nas atividades educativas, logo que naquele momento o teatro lírico, era de grande apreço cultural, onde a população colonial participava das atividades de entretenimento.

A escolarização em massa que individualizou a democratização do ensino laico permitiu a presença do teatro na escola como elemento curricular da educação formal de crianças, adolescentes e adultos. Circunstâncias que, segundo Neves & Santiago (2009), evidenciaram que os docentes de Educação Artística não estavam preparados para ministrar tais aulas, assim, as mesmas que eram aplicadas por professores das mais diversas áreas, quase sempre com ênfase na geometria. E, tal situação ainda é recorrente nos dias atuais, principalmente, porque a LDB Lei n. 9.394/96, tornou o teatro obrigatório na educação básica brasileira. Assim, inúmeras iniciativas foram tomadas para a formação do professor de Teatro (Artes). Dentre elas, estava a realizada pelo Serviço Nacional de Teatro, que a partir da promulgação da lei:

Resolveu contratar alguns especialistas em teatro na educação e ministrar cursos intensivos com a colaboração das secretarias de educação de diversos estados. Tal iniciativa tinha como finalidade a redução dos problemas quanto à prática do teatro na escola a fim de eliminar com a tradição do uso do teatro na educação ligado a montagem de 'pecinhas' com crianças ou à organização de 'festinhas' para comemorar datas cívicas (NEVES & SANTIAGO, 2009, p.34),

De tal modo, o teatro na escola tornou-se aceito como uma ferramenta que ultrapassa seu uso instrumental, passando a ser utilizado não somente para ministrar conteúdos extrateatrais. Desta forma, o teatro na educação passou a ter grande importância na compreensão crítica da realidade humana, culturalmente determinada.

A partir do momento em que o teatro conquistou o espaço dentro das escolas públicas brasileiras, após a nova LDB e os PCN's, tornou-se obrigatória à necessidade da qualificação do professor de artes, e neste sentido Neves & Santiago (2009, p.38) aponta o valor do ambiente escolar, como também a qualificação do professor para preencher este espaço, a fim de que "o uso da arte na escola seja verdadeiro instrumento de transformação pessoal e social". Ainda neste contexto:

Mora na escola a possibilidade de remanejamento desta realidade (conhecimento, pelo homem, de sua própria realidade) que, antes de chegar ao aluno, deveria atingir o professor. O professor acaba sendo o elemento nocivo ao desenvolvimento, pois, pela educação ligada ao seu aprendizado, que ficou no passado, faz o aluno repetir seu passado, ao invés de projetar-se em sua época e ao advir desta época, seu futuro. Só na escola poder-se-ia aprender a lidar com o capital de giro da pós-modernidade: o processo criativo. Mas, não é em escolas no modelo arcaico que se aprenderá a transgredir. Há que ser em escolas que tenha a arte em primeiro plano: teatro, artes

plásticas, literatura, música etc. o que é feito atualmente em nome da 'Educação Artística' nas escolas de ensino fundamental? (BOSCHI, 1999, p.117).

Nestas circunstâncias, nas escolas onde trabalhei nos últimos 04 anos, não foi difícil perceber o quanto ela está longe do que seria ideal para a educação teatral, logo que percebemos a não existência de espaço adequado para atividade teatral, sem contar com salas superlotadas, gestor autoritário e professores despreparados para a atividade teatral. Neste sentido segundo Neves & Santiago (2009, p.38), ao tornar o teatro conteúdo do ensino de arte, necessita-se de profissionais qualificados, mas isso não quer dizer que é necessário “trabalhar com especialistas da arte teatral (atores, diretores, dramaturgos) e sim com professores devidamente instrumentalizados para realizar a tarefa”.

Como consequência, não existe maneira de esconder o real envolvimento entre a qualificação dos professores de teatro e a realização do teatro na escola, com as outras amostras dessa área do saber em toda a sociedade.

O teatro brasileiro só apresentará um nível profissional elevado na medida em que houver um público culturalmente maduro para assisti-lo e sustentá-lo. E este só poderá formar-se numa experiência educacional integradora que inclua a aprendizagem da relação arte/vida. De nada adianta a instalação de cursos superiores de arte dramática se essa dimensão não se fizer presente em todos os níveis do processo educativo (CAVASSIN 2008, p.40).

É notório que se conhece muito sobre o valor do teatro na educação nos mais diversos campos de ação. Os fundamentos pedagógicos do teatro esboçam semelhanças intensas entre teatro e educação, julgando essa arte como uma maneira humana de demonstração, da semiótica e da cultura.

Segundo estudos de Santana (2000, p.87), houve um considerável aumento dos espaços de formação de professor de teatro, pois, antes da LDB, Lei 5692/71, havia 30 cursos, e já ano 2000 verificava-se que havia mais de duas centenas de cursos em todas as áreas da Arte, “onde 98 são licenciaturas em educação artística e 29 em artes cênicas”. Desse modo percebe-se que a história do teatro na educação brasileira, transcorre por ideais religiosos, políticos e sociais. Ainda com as gradativas conquistas adquiridas, o ensino do teatro ainda encontra-se em um ponto de recomeço.

3.4. A valorização do professor de teatro

Durante a realização do Estágio Supervisionado I foi possível perceber que os professores são bastante empenhados na realização de suas atividades a fim de proporcionar ao aluno a capacidade de adquirir os conhecimentos mínimos necessários para que viva em sociedade de maneira que seja um sujeito ativo na mesma. Sobre este assunto uma das professoras com quem conversei disse o seguinte: “não tenho por finalidade formar, atores, artistas plásticos, cantores ou dançarinos, o meu desejo é que o aluno seja capaz de ter uma visão crítica sobre cada uma destas áreas que estudamos em artes, que ele consiga com um olhar crítico compreender as mensagens contidas em cada uma destas expressões artísticas”. O que demonstra que a educadora está de fato envolvida com a atividade educativa que desenvolve naquela escola, com a participação da comunidade e demais membros da unidade escolar.

Apesar do árduo trabalho que os arte-educadores realizam naquela unidade escolar ficou evidente que os demais professores parecem não valorizar o trabalho dos colegas, por acharem que estão somente enrolando, ao ponto de acreditarem que o trabalho dos arte-educadores não produzirá frutos. Em conversa durante o intervalo com uma das três professoras de Língua Portuguesa, disse a ela, “nesta escola há ótimos arte-educadores, não é verdade”? Ela categoricamente respondeu: “É mesmo? Onde estão? Que não os vejo me parece que só você sabe disso”. Através desta conversa percebi que o ensino da arte não tem muito valor para os docentes das outras áreas do conhecimento. Evidenciando do mesmo modo a subvalorização docente naquela unidade escolar, bem como a ausência de reconhecimento aos conhecimentos intrínsecos a esse campo profissional. Em oposição a essa realidade, a escola recebe da sociedade, a cada dia mais o encargo da complexa formação do indivíduo.

Motivados pela pouca valorização que tem na escola, os arte-educadores com quem dialoguei demonstram grande frustração com a carreira, pois segundo eles uma das principais causas desta desmotivação é a falta de uma política salarial compatível com o trabalho que realizam, diante das inúmeras dificuldades encontradas em seu dia-a-dia. E, não o bastante a falta de respeito por parte dos alunos e comunidade, reforça esta insatisfação, frente ao árduo trabalho que desenvolvem diariamente em sala de aula. Uma das professoras relatou-me que trabalha em três empregos para ter condições manter sua família com um pouco mais de conforto, mas alega que já está cansada desta esgotante jornada, mas ressalta, que seus alunos não têm culpa do descaso dos governantes com os trabalhadores da educação,

por isso dedica-se ao máximo, às vezes sacrificando os momentos de lazer com a família e amigos.

Assim, é evidente que há um problema a ser resolvido e para tanto, acredita-se que é necessário perceber o professor de teatro, segundo Costa (2008, p.01), como “sujeito atuante nesse trabalho de educação estética nas escolas como atores coprodutores de saberes válidos na elaboração de propostas formativas e curriculares”.

É inegável a presença do professor de teatro na escola, alguns com sua formação em conformidade com a LDB, outros ainda não, e ainda o grupo dos descontentes com a área de atuação, por não terem as condições necessárias para a realização do trabalho pedagógico. E, nesta perspectiva, percebe-se que a função docente não é uma das mais pretendidas em meio a tantas outras profissões,

(...) fazer-se professor de Arte torna-se ainda menos atraente. Os poucos recém-formados em licenciaturas específicas da área raramente assumem o posto de professor na escola pública ou, quando assumem, tendem a desistir logo que encontram outra ocupação fora da escola. A formação do professor de teatro continua na perspectiva técnica, dissociada da escola (COSTA 2008, p.4).

Para que haja maior valorização do docente de artes em sua prática pedagógica é necessário maior participação da comunidade escolar e dos diversos ambientes culturais que permita o diálogo e a produção coletiva de saberes e que nesta perspectiva promova a formação e valorização dos arte-educadores, por meio da problematização do papel da educação na formação escolar.

Jamais se deve esquecer que o professor de teatro necessita de mais apoio da própria unidade escolar e da sociedade como um todo, para que o seu trabalho seja de fato reconhecido e valorizado como tal. Em muitas unidades escolares a sua função é tida como de menor importância, em detrimento das outras áreas do conhecimento. Como afirma Courtney (2006, p.9) “por que você ensina meu filho fazer teatro?, perguntou um dos pais. Eu não quero que ele vá para o palco. (...) por que você não ensina algo importante como matemática ou redação?”. Essa visão equivocada, sobre a importância do trabalho do professor de teatro na escola, ainda existe em nossos dias atuais e precisamos minimizá-la e se possível eliminá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo conclui-se que a atividade teatral na educação é tão antiga quanto à existência do próprio homem. Uma vez que o mesmo era representado em seus ritos, com a finalidade de transmitir aos semelhantes informações sobre os acontecimentos vivenciados por um determinado grupo de indivíduos.

Nestas circunstâncias, vale relatar que o meu contato com o teatro sempre foi bastante limitado, em especial na sala de aula, pois não tinha nenhuma experiência e a primeira atividade que desenvolvi foi voltada para o jogo teatral, como mediador em atuação colaborativa com um grupo de colegas do curso de Teatro da Universidade de Brasília, onde no momento realizávamos uma oficina prática da disciplina Laboratório do Teatro 1.

O nosso público alvo eram alguns adolescentes, com faixa etária de 14 a 23 anos de idade, do Centro Educacional nº 07 do Gama, no Distrito Federal. Na ocasião o nervosismo tomava conta, pois não sabia qual seria a reação dos alunos, e para minimizar tal nervosismo, antes de iniciarmos “os jogos”, fizemos uma breve apresentação onde apontamos as nossas experiências, bem como expectativas e oportunidades teatrais que tínhamos no local em que vivíamos. Posteriormente, realizamos uma rápida apresentação sobre os jogos que iríamos desenvolver, assim como suas regras. A receptividade por parte dos discentes foi muito boa, tanto que não tivemos nenhum problema na condução dos jogos e no final alguns alunos vieram pedir-nos que retornássemos com diferentes jogos em outro momento.

E, a partir desta experiência comecei a ter uma nova visão sobre o jogo teatral em sala de aula, pois inicialmente acreditava que o mesmo deveria ser utilizado para aprimoramento e ou introdução dos conteúdos de disciplinas diversas, agora percebo o grande equívoco que cometia.

Pois, de tal modo, evidencia que o jogo teatral dever ser utilizado para a promoção do saber e ainda como forma de liberdade onde os indivíduos podem expressar as suas angústias e sentimentos reprimidos em forma de espetáculos; estes podem ser realizados na sala de aula, bem como nos mais diversos lugares.

Outras atividades foram desenvolvidas acerca dos jogos teatrais, com um grupo de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola da Rede Pública Municipal de Águas Lindas de Goiás, com idade entre 07 a 11 anos e a experiência também foi fantástica, uma vez que os menores são mais curiosos e ao mesmo tempo mais enérgicos. Como as

atividades foram minuciosamente planejadas, elas foram realizadas com total sucesso sem nenhuma dificuldade para a finalização dos jogos, bem como o alcance dos objetivos.

E, mais uma vez, diante desta realidade vivida em sala de aula, aguçou ainda mais a minha curiosidade pelo jogo teatral no contexto educacional. Basicamente para a introdução do teatro na escola, pois nas instituições de ensino onde atuei no Município de Águas Lindas não há a disciplina de teatro em sua grade curricular e, quando nas aulas de Artes fazem uso do mesmo, é somente um preparatório para as apresentações das datas comemorativas do calendário escolar. E, para deixar a situação ainda mais crítica, quase sempre as atividades ocorriam de forma estanque, sem um objetivo claro, principalmente no que se refere à continuidade das atividades teatrais. E, desta maneira, o jogo acaba sendo, mais uma introdução para outras disciplinas e o teatro fica a margem do conhecimento que ele deveria promover.

Diante disso, é notório que apesar da legitimidade do teatro em sala de aula, o mesmo ainda não conquistou o seu espaço, ao menos nos locais onde tive a oportunidade de observar, uma vez que até entre os docentes, existe uma desvalorização desta área do saber e de tal modo o teatro não é realizado como deveria, como forma de promover o aluno aos mais altos níveis de desenvolvimento cultural e intelectual, onde o mesmo pudesse ter uma nova perspectiva de sua vida e da sociedade da qual faz parte.

A cada tempo ficava ainda mais curioso para compreender o uso dos jogos teatrais na escola, pois tinha como finalidade o seu entendimento, do mesmo modo os benefícios que poderiam ser apresentados aos alunos. E, por intermédio desta pesquisa bibliográfica que foi realizada acerca do Teatro Educação com ênfase no jogo teatral, pude perceber que a sua relação educacional é tão antiga quanto à humanidade, que foi e ainda é objeto de estudo de inúmeros pesquisadores, educadores, filósofos entre outros profissionais que tem e ou tiveram interesse nos conhecimentos promovidos através do teatro.

E, através desta pesquisa aliada a minha experiência, mesmo ainda havendo muitos conhecimentos a construir, pude perceber o quanto o resultado final poderá ser grandioso se aplicado com planejamento e objetivos claros e bem definidos, principalmente por um docente que seja realmente qualificado para tal atividade, pois assim, o teatro terá um fim em si mesmo, possibilitando que a sua finalidade, seja de fato alcançada que é o desenvolvimento pleno do ser humano, por intermédio do conhecimento das mais diversas manifestações culturais e acima de tudo, o respeito a cada uma delas.

Ainda, nesta pesquisa é possível perceber que há muito tempo o teatro é objeto de estudo, por meio dessa comprovação, torna-se possível pensar na importância do teatro para o

desenvolvimento do discente em sua vida acadêmica. Dessa maneira, constata-se também que houve uma maior oferta de espaços específicos para o desenvolvimento do professor de teatro, como os Programas Pro-Licenciatura e Universidade Aberta do Brasil, ambos do Governo Federal em parceria com as Universidades Federais. Por meio deles privilegiam-se o aspecto pedagógico juntamente com a habilidade de expressão e aquisição de conteúdos.

O jogo na escola não é somente diversão é também compreensão dos limites em relação ao comportamento em sala de aula, como o entendimento das regras, de seus direitos e deveres. Compreende-se, também, que a realização do jogo na escola requer profissionais qualificados, onde sejam realmente detentores das habilidades necessárias para a formação permanente do discente.

Na relação histórica do teatro na educação, o mesmo sempre teve uma participação importante para o desenvolvimento da sociedade. Perante essa importância, por que hoje não se valoriza a sua atuação em sala de aula? E por que quando é apresentado geralmente aparece em papel secundário?

Desta maneira, conclui-se a apresentação desta pesquisa como sendo um incentivo para a realização de mais estudos acerca do assunto, tornando desta maneira um novo recomeço.

ANEXOS



Figura 1: Futebol Imaginário



Figura 2: Hipnotismo



Figura 3: Espelho



Figura 4: Fila de Cegos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Aprender para quê?* Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT879723-1666-1,00.html>> acesso em 20 de dezembro de 2011.
- ARCOVERDE, Silmara Lídia Moraes *A importância do teatro na formação da criança.* Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.pdf> acesso em 20 de dezembro de 2011.
- BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro.* 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOAL, Augusto. *Jogos para Atores e Não-Atores.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BOSCHI, Ronaldo. *O jogo teatral da cultura pós-moderna.* Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Letras.
- BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996* - Editora do Brasil, 1997.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental.* – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAMARGO, Maria Aparecida. *Teatro na escola: a linguagem da inclusão.* Passo Fundo: UPF, 2003.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia.* São Paulo: Ed. da Unesp, 1999.
- CAVASSIN, Juliana. *Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica.* R.cient./FAP, Curitiba, v.3, p.39-52, jan./dez. 2008.
- COSTA, Joicy Suely Galvão da; LIMA, José Glauco Smith Avelino de. *Educação jesuítica e dualidade social: um olhar sobre as práticas educativas formais no Brasil colônia.* IN: Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em <www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais> acesso em 01 de janeiro de 2012.
- COSTA, Maria. Zenilda. *A produção de saberes colaborativos na formação de arte-educadores: múltiplos tempos e espaços de aprendizagem.* Disponível em <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT08-6906--Int.pdf>> acesso em 02 de janeiro de 2012.
- COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação.* São Paulo: Perspectiva, 2006.

CUÉLLAR, Javier Pérez de (org.). *Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*. Campinas (SP): Papyrus, Brasília: Unesco, 1997.

DUFLO, Collas. *O jogo: de Pascal a Schiller*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Luiz Antônio; RIBEIRO, José Mauro Barbosa; SANTANA, Arão Paranaguá de. Módulo 8: *Teoria da Arte*. Brasília: LGE Editora, 2008.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FO, Dário. *Manual Mínimo do ator*. São Paulo: Senac, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas (SP): Papyrus, 2003.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. 11. Reimpressão. São Paulo: Atlas, 2008.

GREINER, Christine e BIÃO, Armínio (Orgs). *Etnocologia – Textos selecionados*. São Paulo. Annablume, 2003.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. *A linguagem teatral na escola: Pesquisa, docência e prática pedagógica*. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

_____. Ricardo Ottoni Vaz. *Metodologia do ensino de teatro*. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

KOUDELA, Ingrid. Dormien. *Jogos Teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. Ingrid. Dormien. *Pedagogia do Teatro*. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (4: 2006: Rio de Janeiro). Anais/ do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Organização RABETTI, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

LEAL, Antônio. *Teatro na Escola: da Clausura à libertação*. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Múltiplas Linguagens na Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LIGNELLI, César; PACHECO, Sulian Vieira. Módulo 7: *Laboratório de Teatro 1*. Brasília: Athalaia – Gráfica e Editora, 2008.

LIRA, Franklin Costa de. *A sátira social através do teatro: o gênero “Auto” e sua relação sociocultural*. Disponível em < <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3087237>> acesso em 01 de janeiro de 2012.

LONDERO, Lauren Kleinert. *Museu e Teatro como práticas de educação ambiental*. Monografia (Especialização Educação Ambiental) – Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, RS, 2007.

MACHADO, Célia. *Fazer Teatro e fazer aula de Teatro*. Perspectiva Capiana nº 2, março de 2007.

MACHADO, Cleusa Joceneia. *Aula de Teatro é Teatro?* Revista Digital Art& - ISSN 1806-2962 - Ano V - Número 07 - Abril de 2007. Disponível em < <http://www.revista.art.br/site-numero-07/trabalhos/10.htm>> acesso em 01 de janeiro de 2012.

MAGNÓLIA, Augusta. *O papel do teatro no contexto educativo e social*. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/o-papel-do-teatro-no-contexto-educativo-e-social/34317/>> acesso em 01 de janeiro de 2012.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOURA, Assis Souza de. *O teatro de improviso como prática educativa no ensino de história*. Disponível em: <http://www.anpuhb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2004%20%20Assis%20Souza%20de%20Moura%20TC.PDF> acesso em 22 de dezembro, 2011.

NEVES, Libéria. Rodrigues; SANTIAGO, Ana. Lydia Bezerra. *O uso dos jogos teatrais na educação: Possibilidades diante do fracasso escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

OCHÔA, Pedro Carlos de Aquino; MESTI Regina Lúcia. *Teatro na escola: linguagens e produção de sentido*. Disponível em <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem12pdf/sm12ss01_09.pdf> acesso em 06 de janeiro de 2012.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. GUINSBURG, J.; PEREIRA, Maria Lúcia. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

REVERBEL, Olga. *O Teatro na Sala de Aula*. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

ROSSETO, Robson. *O espectador e a relação do ensino do teatro com o teatro contemporâneo*. R.cient/FAP, Curitiba, v.3., p.69-84, jan./dez.2008.

SANTANA, Arão Paranaguá de. *Teatro e formação de professores*. São Luiz: Edufma, 2000.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. Trad. Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O Jogo Teatral no livro do diretor*. São Paulo: Perspectiva, 2010.